



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA DE PEDAGOGIA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR**

**INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES
DE ALUNOS DO 5º ANO NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA BEATRIZ
LOPES - ASSENTAMENTO ANTONIO CONSELHEIRO- SÃO MIGUEL DE
TAIPU – PB.**

MARIA DA SALETE LOPES DE ATAÍDE

GUARABIRA - PB

2014

MARIA DA SALETE LOPES DE ATAÍDE

**INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES
DE ALUNOS DO 5º ANO NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA BEATRIZ
LOPES -ASSENTAMENTO ANTONIO CONSELHEIRO – SÃO MIGUEL DE
TAIPU – PB**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção
do grau de graduado.

Orientador: Prof. Ms. José Otávio da Silva

**GUARABIRA - PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A862i Ataíde, Maria da Salete Lopes de
Influência da oralidade na escrita: [manuscrito] : uma análise de produções de alunos do 5 ano na escola municipal professora Beatriz Lopes -Assentamento Antônio Conselheiro - São Miguel de Taipu - PB / Maria da Salete Lopes de Ataíde. - 2014.
25 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia do PARFOR EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Francisca Luseni Machado Marques, Secretária de Educação à Distância".

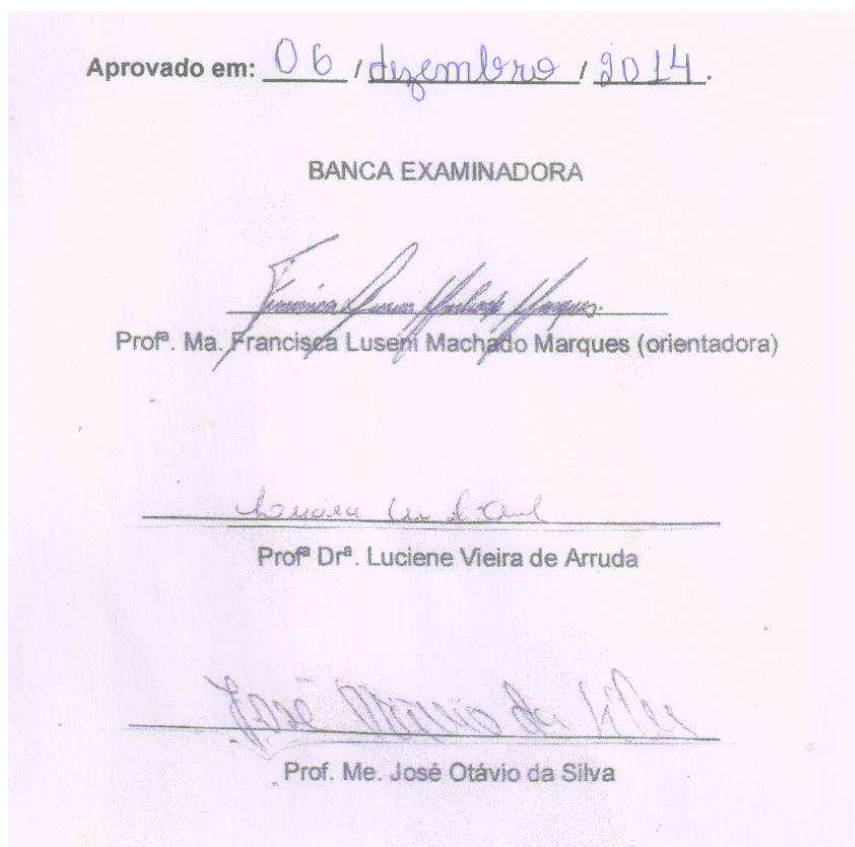
1. Oralidade. 2. Escrita. 3. Letramento. I. Título.

21. ed. CDD 028

MARIA DASALETE LOPES DE ATAÍDE

**INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES
DE ALUNOS DO 5º ANO NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA BEATRIZ
LOPES -ASSENTAMENTO ANTONIO CONSELHEIRO – SÃO MIGUEL DE TAIPIU
– PB**

Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Maria da Salete Lopes de Ataíde, apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de graduada em Pedagogia foi julgado, adequado e aprovado pela Banca Examinadora designada pela Comissão de Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, abaixo assinada:



GURABIRA - PB
2014

A Deus Todo Poderoso que me concedeu o dom da vida e a graça de mais esta conquista; Aos meus filhos que suportaram minhas ausências para que eu pudesse concretizar mais este sonho. A eles dedico.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu querido orientador, por seu carinho e paciência em corrigir meus erros;

Aos meus amigos de curso que fizeram desta jornada menos árdua e mais prazerosa, enchendo de graça nossas tardes;

À minha família, meus pais, meus filhos, especialmente minha filha Soraya Beatriz que me ajudou na construção deste projeto;

Aos meus professores da graduação; à coordenação do Curso e Plataforma Freire por ter proporcionado aos professores em exercício, mas ainda sem licenciatura, um curso de tão alta qualidade;

À equipe da Escola Beatriz Lopes, na pessoa da diretora Maria; aos professores e especialmente à professora Maria que me acolheu juntamente com seus alunos tornando possíveis as observações necessárias para a conclusão deste trabalho;

Por fim agradeço aos meus colegas de trabalho por terem me dado cobertura em minhas “fugas” para concluir a redação desta monografia e efetuar a pesquisa campo; e a minha amiga Rosimere por ter corrigido a redação final deste trabalho.

Digo sem medo, sem o apoio de vocês nada disso seria possível, obrigada.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir a influência da oralidade sobre a escrita de alunos do 5º ano do ensino fundamental. O estudo foi realizado na Escola Municipal Beatriz Lopes, localizada no Assentamento Antonio Conselheiro na cidade de São Miguel de Taipu- PB, distante cerca de 90 km da capital João Pessoa. Partindo dos pressupostos teóricos de Koch (2010); Marcuschi (2003); Medeiros (2006) e Fávero, Andrade e Aquino (2006), procuramos estabelecer um relação entre a oralidade e a escrita e compreender de que forma este fenômeno ocorre no público alvo desta pesquisa. A pesquisa foi feita através da análise de textos produzidos pelos alunos a partir da observação de uma tirinha da Turma da Mônica (SOUZA, 2001), a análise mostrou que os alunos apenas trocaram as letras que comumente as crianças próprias desta idade trocam: **U** pelo **L**; supressão do **N**; compactação de palavras; abrangência de outras. Os textos não trouxeram nenhuma marca em particular do lugar onde estas crianças estão inseridas. Se isto se deu por influências das mídias como internet e televisão, esta pesquisa não foi capaz de determinar as razões, o fato é que não foram encontrados traços da variaçãolinguística local na escrita dos partícipes da pesquisa.

Palavras-chave: Oralidade, escrita, ensino fundamental.

Abstract

This research deals with the influence of orality about writing form pupils of the elementary school. The study was conducted on Municipal school Beatrice Lee, in Antonio Settlement Counselor in São Miguel de Taipu-PB, about 90 km from the capital João Person. Starting from the theoretical assumptions of Koch (2010); Depends (2003); Medeiros (2006) and Jocelyn, Andrade and Aquino (2006), we seek to establish a relationship between orality and writing and understand how this phenomenon occurs in the target audience of this research. The survey was done through the analysis of texts produced by students from the observation of a strip of Turma da Mônica (SOUZA, 2001), the analysis showed that students only exchanged letters that commonly own children this age change: U at L; deletion of N; compression of words; other coverage. The texts didn't bring any brand in particular the place where these children are located.

Keywords: Orality, Writing,ensign fundament.

Sumário

	INTRODUÇÃO.....	8
1	ORALIDADE E ESCRITA: CONCEPÇÕES E ORIGENS.....	10
1.1	A HERANÇA DAS CAVERNAS.....	10
1.2	A FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	11
1.3	A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM ORAL NA ESCRITA DE ALUNOS DO 5º.....	14
2	A ESCOLA PROFESSORA BEATRIZ LOPES – ESPAÇO DA PESQUISA.....	16
2.1	ESTRUTURA FÍSICA E ORGANIZACIONAL DA ESCOLA.....	16
2.2	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.....	17
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	18
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	REFERÊNCIAS.....	23

Introdução

A oralidade sempre esteve presente na vida do homem, ainda nos primórdios, antes mesmo que houvesse civilização o homem já se comunicava através da oralidade e é ela uma das primeiras formas que utilizamos de comunicação, antecedendo, portanto, à escrita.

Esta por sua vez, necessita de certo treino até que o falante possa dominá-la de forma adequada. Desde a invenção do alfabeto pelos fenícios e o desenvolvimento da escrita através dos séculos, fomos convencidos a valorizar mais a escrita que a oralidade. Prova disto são as “pressões” que os falantes sofrem quando não dominam a norma culta da língua, privilégio dos que dominam a escrita. O domínio da norma culta pressupõe maiores condições de aceitação na sociedade e também está ligada ao acesso a uma educação de maior qualidade, uma regalia destinada aos mais abastados.

É na escola que estas diferenças linguísticas ficam mais acentuadas e é justamente durante o processo de alfabetização que os traços da oralidade passam a ser mais destacados na escrita. A criança passa a colocar no papel, aquilo que ela consegue falar, aquilo que ouve em casa, na comunidade, enfim, em seu meio social.

E é justamente este processo que este estudo se propõe a investigar, a partir da análise de textos produzidos pelos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Beatriz Lopes, localizada no Assentamento Antonio Conselheiro na cidade de São Miguel de Taipu – PB, distante cerca de 40 km da capital João Pessoa.

O processo de formação da linguagem escrita influenciado pela oralidade é nosso objeto de estudo, pretendemos através deste determinar até que ponto esta influência ocorre nestes estudantes observados na escola em questão, serão observados seus falares transcritos em textos simples e de entendimento próprio

para a faixa etária do público alvo, bem como a supressão ou o aumento de signos linguísticos nos textos produzidos.

O processo para o alcance dos objetivos deste estudo se deu da seguinte forma: seleção dos textos; leitura dos textos; fichamento dos mesmos; análise dos escritos e determinação das marcas da fala na escrita.

A intenção deste estudo vai além de uma simples forma de apresentar a influência da fala na escrita, mas perpassa pelo processo de construção do saber na criança a partir do ouvir, do entendimento do mundo ao seu redor partindo da oralidade e seu entendimento, tornando análise mais profunda.

Capítulo I

Oralidade e escrita, conceituação e origens

O termo Oralidade pode ser definido como “marca da fala na escrita” e escrita, segundo o dicionário Houaiss (2012), seria qualquer ocorrência em que haja registro por palavras, números, símbolos e outros escritos, aquilo que está impresso com tinta (...). Esta definição já nos trás algo de esclarecedor em relação ao nosso objeto de estudo, bem como a diferença entre elas e a forma como cada uma deve ser tratada.

A oralidade antecedeu a escrita, mesmo assim, a escrita sempre foi considerada como algo mais *importante* dentro da sociedade, por ser considerada como *alguma coisa* que pode ficar registrada para a posteridade, sem sofrer tantas modificações quanto à fala. Outra razão seria a relação estreita que a escrita tem com a elite de toda e qualquer sociedade que já houve desde a antiguidade até os dias atuais. Todos podiam falar: ricos e pobres; escravos e libertos; homens e mulheres; mas apenas os nobres e abastados tinham acesso à escrita e aos dominadores da escrita, cabia à tarefa de dominar os que não a dominavam. E Esse poder se deu a princípio com o homem primitivo ainda nas cavernas.

1.1 A HERANÇA DAS CAVERNAS

Segundo Gomes apud Pires (2004), “apesar de as pinturas rupestres não poderem ser consideradas como padrão de escrita, mas de representação criptográfica casual desta, ainda assim representaa transmissão de mensagens registradas em materiais da/com natureza”, exemplo disso seriam as pinturas feitas sangue animal, argila, pigmentos de sementes, dentre outros materiais encontrados em registros nas cavernas onde o homem pré-histórico viveu.

Para este mesmo autor, “em razão disto, há a possibilidade de se fazer uma analogia entre as pinturas rupestres e a escrita: ambos os casos buscam registrar algo, de alguma forma, para determinado grupo, para aquele momento ou para a posteridade”. A antropóloga Cláudia Pires considera que:

Sobre a relação entre a «linguagem simbólica» – expressa através de símbolos abstratos pintados – e a sua intenção, digamos que foi através destas imagens que o homem entendeu que podia fazer passar uma mensagem, um pensamento, o seu estado de espírito, etc. Estas pinturas demonstram o valor que os homens da pré-história conferiam às suas criações. O conjunto destes desenhos-escritos, passíveis de serem compreendidos por todos os membros de um mesmo grupo, tomam a designação de pictogramas. Pertencem, pois, ao conjunto das escritas pictográficas, que no grego significam descrição da imagem, para servir de símbolo. (PIRES, 2004, p. 4).

Sendo assim, as figuras rupestres representariam o mais remoto exemplo de que um registro impresso adquire preeminência sobre a oralidade, no que diz respeito a uma mensagem escrita permanecer o máximo possível em seu estado representativo original, suportando o tempo e condições naturais do ambiente, e permitindo que gerações milênios mais tarde apreciem e façam conjecturas sobre uma forma social que não deixou outro vestígio, em vida, de como o homem primitivo se comportava e como observava seu meio ambiente.

1.2 A FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Asseguidas intervenções estrangeiras na Península Ibérica aconteceram quando os cristãos expulsaram os árabes desta mesma região, no século XI. Os soberanos anteriores se viam obrigados a seguir para outras regiões e dar lugar aos legatários, contudo, as formas de oralidade daqueles povos, permaneceram até formar as línguas respectivas de cada povo.

Como em todos os surgimentos – ou transformações – de uma língua, o processo de estruturação do idioma português foi longo e muito complexo. O português ainda não era uma língua propriamente dita, ele dividia espaço com o idioma falado na Galícia, o galego, onde hoje seria parte da atual Espanha e outros dialetos falados nesta e em regiões próximas.

Houve nesta época uma sequência de êxodos provocados pelas invasões, estas por sua vez, além de colaborarem na construção das línguas de cada região, acabaram por delimitar geograficamente o que conhecemos hoje como o atual Portugal e Espanha. Em 1185, Portugal tornou-se independente, e trouxe com a conquista deste direito, a independência dos idiomas galego e português.

No processo de construção da história da língua portuguesa duas fases importantes devem ser destacadas:

(...) a do português arcaico (sécs. XIII a 1536/1540), que compreende a fase de formação, porém já com certo estilo; e o português moderno, que começou a ser formado a partir do século XVI, com o aparecimento das primeiras gramáticas que definem a morfologia e a sintaxe. Nesta época o português já é tanto na estruturada frase quanto na morfologia, muito próximo do atual (MEDEIROS, 2006, p. 23).

Nos séculos XIX a XVI o domínio expandiu-se para as regiões da África, América e Ásia, assim foi iniciado o processo de posse dando origem ao que hoje é chamado de lusófonos: os que têm a língua portuguesa como idioma oficial. Mais uma vez se legitima a força da linguagem como uma das mais fortes expressões de identidade nacional imposta a outros povos.

A língua portuguesa não se originou, portanto, apenas do latim vulgar como nos é ensinado na escola, mas do galego, do árabe. Pela intervenção do alfabeto grego, o estigma de uma origem considerada *incultano* é cabível para a identidade nacional dos países lusófonos: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, e Timor Leste. “É ainda falada na antiga Índia Portuguesa: Dadra e Nagar, Damão, Diu e Haveli, Goa, na atual União Indiana e por numerosas comunidades de emigrantes de fala portuguesa em várias partes do mundo” (idem, 2006)

A língua portuguesa chegou ao Brasil, no século XVI, na época das grandes navegações, a língua trazida por Portugal, aportou em terras tupiniquins com as influências dos povos germânico e árabe. Ao “desembarcar”, a língua portuguesa encontrou resistências por parte dos nativos e sua consolidação só foi possível após as interferências das línguas nativas da região como o Tupi, o Guarani, Kaiwoá e outros; e as línguas africanas, especialmente o Banto, o Níger, o Yorubá dentre

outros. Desta forma a língua portuguesa no Brasil estabeleceu-se com fortes interferências indígenas e africanas.

Houve contribuições italianas na época do Renascimento. Durante a colonização, as invasões do país pelos espanhóis e franceses acrescentaram ao léxico do Brasil termos daqueles povos.

Assim, o português no Brasil assumiu algumas características distintas da língua falada em Portugal, conformando uma identidade mais específica.

Ao longo dos anos houve uma tentativa de padronização da língua portuguesa falada no Brasil, entre os procedimentos de uma padronização da língua do Brasil, Machado de Assis, em 1897, elaborou um regimento da Academia Brasileira de Letras, com o propósito da criação de um vocabulário crítico de brasileirismos introduzidos na língua portuguesa. Deste documento, sucederam-se várias tentativas, em intervalos irregulares de tempo, de organização de um dicionário para a língua portuguesa do Brasil:

[...] Foi então editado um Dicionário de Brasileirismos, com base em levantamento feito por João Ribeiro. Em 1910, sob a presidência de Rui Barbosa, a Academia formulou um objetivo mais ambicioso: tratava-se de elaborar um verdadeiro dicionário brasileiro da língua portuguesa. Dezanos se passaram e o dicionário não apareceu. A ideia foi retomada em três novos projetos, um de Mário de Alencar, outro de Laudelino Freire ou um terceiro de Graça Aranha - este, inspirado pelo movimento modernista, propunha dar ênfase aos "chamados brasileirismos", e, ao contrário, eliminar os "portuguesismos". A proposta gerou polêmica; a Academia nomeou uma comissão para elaborar o dicionário - comissão esta desfeita em 1934, sem concluir o trabalho. Em 1940, Afrânio Peixoto, cansado do que ele chamava "obra de Penélope" (a mulher de Ulisses, que, esperando aventureiro marido, tecia de dia e desfazia o trabalho à noite), assume a responsabilidade da tarefa, confiando-a a Antenor Nascentes, catedrático do Colégio Pedro II, que, em 1943, entrega à Academia um dicionário com 100 mil verbetes (SCLIAR, 2005, p. 13).

Hoje, além deste dicionário, o Brasil conta com o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o dicionário Michaelis, o dicionário Koogan-Houaiss (enciclopédico; Antônio Houaiss trabalha em outro dicionário, muito mais amplo).

1.3 A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM ORAL NA ESCRITA DE ALUNOS DO 5º ANO

Praticamente todas as línguas conhecidas fundamentam-se em dois pilares, a fala e a escrita. Cada uma com suas características em particular e como ao contrário do que se pensa, apesar de a fala anteceder à escrita, esta não pode ser considerada representação daquela, uma vez que a escrita tornou-se símbolo de poder das nações conquistadoras, as quais impunham seu idioma às conquistadas e até mesmo proibindo os naturais de se comunicarem em língua materna, para facilitar a dominação entre os povos conquistados.

Sob o ponto de vista da realidade humana, é possível determinar o homem como um ser que *fala* e não que *escreve*. Entretanto, a oralidade não pode ser considerada superior à escrita. (MARCUSCHI 2003, p16).

Segundo este mesmo autor, a escrita não poderia ser considerada representação da fala, em razão da impossibilidade de reprodução dos sons dessa. A oralidade apresenta uma variedade infinda de fenômenos como a ortografia, a acentuação, a entonação, os gestos humanos (movimentos dos braços, mãos, olhos, meneios de cabeça), enfim, tudo aquilo que pode auxiliar na construção de sentido em uma determinada conversa, onde apenas as palavras não capazes de traduzir o sentido real da conversação.

As diferenças entre fala e escrita se dão exatamente dentro do *continuum tipológico* das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos, quem afirma isto é Marcuschi (apud KOCH 2005).

Segundo Fávero, Andrade e Aquino, “*a escrita tem sido vista como estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto*”.

(...) a expressão é produzida no interior da mente dos indivíduos. E da capacidade de o homem organizar a lógica do pensamento dependeria a

exteriorização do mesmo (do pensamento), por meio da linguagem articulada e organizada (PERFEITO, 2007, p.825).

Ainda segundo Marchuschi (2003), além de existirem diferenças entre a *fala* e a *escrita*, também existem diferenças abissais entre a *fala* e a *oralidade* estes, segundo ele, são dois elementos completamente difusos, embora, um se funda no outro. A fala seria a manifestação textual-discursiva que abrange formas e estruturas, sem que para tanto haja necessidade de aparatos tecnológicos. Processo semelhante também ocorre na escrita, uma vez que é efetivada pelo ser humano em uma esfera sonora, claro, pelo som.

A oralidade, no entanto, é a prática de transpor as ideias que o sujeito ordena, e essa, portanto, é efetivada por meio da fala. Portanto, a fala encontra-se no plano da oralidade, onde são apresentados vários gêneros discursivos, promovendo interação. Além de uma sistemaização do som, a oralidade envolve um conjunto de recursos prosódicos. A escrita possui, comumente, o mesmo objetivo da fala, ou seja, a interação entre os sujeitos; entretanto, a diferença está na característica que a compõe: manifesta através da grafia, portanto, de algumas especificidades materiais.

O autor estabelece ainda as diferenças entre essas duas modalidades, relacionando-as com conceitos de *oralidade e letramento*. Estes constituintes da linguagem são vistos como um conjunto de práticas sociais que complementam as atividades culturais e interativas da língua. Porém, o que determinam essas práticas, são justamente os usos que seus falantes fazem da língua, uma vez que todas as variações linguísticas ocorrem justamente devido a capacidade que o sujeito possui para fazer uso da linguagem, seja essa oral ou escrita. (Idem 2003)

Assim, de acordo com esta concepção, vê-se na linguagem uma tradução do pensamento individual. E as crianças, especialmente às inseridas no 5º ano, uma vez que é justamente nesta série que elas começam a escrever de forma mais complexa, formulando pequenos textos, que conseguimos notar uma maior influência da fala na escrita. As crianças reproduzem de *ouvir*, logo, as palavras transcritas para o papel vêm carregada da oralidade, que nem sempre condiz com a variação linguística dominante ou norma culta da língua.

Capítulo II

A Escola Profa. Beatriz Lopes: o espaço da pesquisa

A escola Municipal de educação Infantil Professora Beatriz Lopes, encontra-se localizada no Assentamento Antonio Conselheiro, área rural do município de São Miguel de Taipu – PB, distante cerca de 90 km da capital João Pessoa.

A Unidade Escolar foi fundada em 1 de abril de 1970 pela comunidade do assentamento em homenagem a Beatriz Lopes Pereira, mãe da graduanda em Pedagogia – Maria da Salete Lopes Ataíde. Na ocasião da fundação da escola o governador da Paraíba (que assinou a ordem de serviço) era João Agripino.

ADMINISTRATIVO E APOIO	CORPO DOCENTE	MATUTINO	VESPERTINO	NOTURNO
1 diretor	07 professores	Pré-escola	3º 4º e 5º anos do ensino fundamental	EJA - alfabetização
1 secretária	04 graduados	1º e 2º anos do ensino fundamental		EJA - 1º ao 5º anos
04 auxiliares de serviços gerais	03 possuem apenas o magistério	TOTAL DE 110 ALUNOS DIVIDIDOS NAS SÉRIES E MODALIDADES ACIMA DESCRITAS.		

2.1 ESTRUTURA FÍSICA E ORGANIZACIONAL DA ESCOLA

A estrutura física da Escola é boa, foi recém-inaugurada, ou melhor, reinaugurada. As salas são amplas, arejadas e bem iluminadas, o pátio da escola é grande o que facilita a recreação entre as crianças e outras atividades com os escolares.

A mobília não é nova, mas está em bom estado de conservação. Os quadros são brancos, a escola aboliu os quadros de giz há alguns anos. Os recursos didático e pedagógico disponíveis consistem em: jogos esportivos; livros didáticos; globos; recursos áudio visuais.

A estrutura conta com várias dependências: secretaria; biblioteca; banheiros; almoxarifado; cozinha equipada.

2.2 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

A escola ainda não possui um Projeto Político Pedagógico, as decisões são norteadas com base no “consenso”, a opinião da maioria é que é levada em consideração. Não há nada escrito sobre as ações da escola, a não ser a ata do conselho escolar, mas segundo a direção da escola, a elaboração e construção do PPP serão prioridade no próximo ano.

2.3 PROCEDIMENTO E ANÁLISE METODOLÓGICOS

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica, na qual foram utilizados os postulados de Marcuschi (2005) Koch (2005); Baronas e Lini (2011); Nobre e Fávero (2011), dentre outros, para que se compreendesse o fenômeno da influência da linguagem oral sobre a escrita.

O tipo de abordagem utilizada para a realização deste estudo foi à pesquisa mista, portanto, quantitativa e qualitativa. Buscou-se uma compreensão do fenômeno levando em consideração o contexto no qual o mesmo está situado. (SEVERINO, 2007, p. 117).

Em relação às técnicas da pesquisa foi utilizado um texto não verbal, com figuras da Turma da Mônica, os mesmos foram extraídos da internet. Este estudo foi realizado na cidade de São Miguel de Taipu - PB, onde na oportunidade

participaram do mesmo os alunos do 5º ano, que se disponibilizaram a participar da pesquisa.

O estudo realizado objetivou analisar a influência da oralidade na escrita, bem como as marcas da fala nos textos escritos entre os alunos do 5º ano.

Para a realização do trabalho foram aplicados textos em quadrinho da Turma da Mônica, os quadrinhos eram simples, apenas em linguagem não verbal e os alunos teriam apenas que descrever as imagens.

2.4 ANÁLISE DOS TEXTOS

A finalidade desta análise é para que sirva de norte para que os professores possam compreender melhor como estas influências se dão entre os alunos do 5º, como eles pensam “o texto”, sua forma de compreender e comparar a fala com os textos produzidos, apontando suas principais marcas. Abaixo segue um quadro apontando as principais marcas identificadas durante este processo:

Quadro A: troca de letras (consoantes):

Como é:	Como eles escreveram:	Como é:	Como eles escreveram:
Menino	Menimo/ minino/ meneni	Ajude	Agude
Pegar	Pega	Eu estou	Eu esta
Correu	Corel/ correo	Fazendo	Vazendo
Ficou	Ficol	Caçar	Casar
Conseguindo	Considindo	VeZ	Ves
Borboleta	Babaleta	Lhe	Le
Conseguiu	Comsiquil	Aconteceu	Aconteseu
Saci	Caci/ Saçi	Floresta	Foresta

Disse	Dici	Alguém me ajude	Algém me agude
Dentro do mato	Betrobomato	Aproveitou	Aproveito

Fonte: elaboração própria a partir das informações colhidas durante a pesquisa. (2014).

Quadro B: troca das vogais:

Como é:	Como eles escreveram:	Como é:	Como eles escreveram:
Distraído	Destraido	Jogou	Joguo
E	É	Chute	Chuto
Caiu	Caio	Belo	Bolo
Foram	Forão	Saiu	sio

Fonte: elaboração própria a partir das informações colhidas durante a pesquisa. (2014).

Quadro C: compactação ou abrangência de palavras:

Como é:	Como eles escreveram:	Como é:	Como eles escreveram:
De repente	Derrepente	A gente	Ajeti
A gritar	Agritar	Consegue	Cosegi
Assustado	Assuitado	Se esconde	Sescode
Queria	Que ria	Atrás do	Atrado
Sorrindo	Surido	Seguiu	Senguió
Em cima	Encima	História/estória	Estora
Correndo/ na carreira	Nacarrera	Tinha	Tia
Tenho	Temo	Gostava	Guotava

Fonte: elaboração própria a partir das informações colhidas durante a pesquisa. (2014).

Como vimos, os traços da oralidade na escrita são latentes, tanto a supressão quanto o acréscimo de letras estão presentes nos textos. Outra coisa que chamou a nossa atenção foi à relação entre as figuras apresentadas como texto não verbal e a compreensão individual dos alunos, apesar de a compreensão textual não fazer parte da finalidade deste estudo, é inegável que cada aluno percebeu o texto de forma diferente, alguns relatos chegavam a ser incompreensíveis, não pela questão da linguagem em si, mas pela visão que provocou em cada um deles.

- a) Para algumas crianças, o texto trazia uma menina caçando borboletas, mas não conseguiu pegá-las e recebeu a ajuda do Saci;
- b) Para outras, o texto tratava de um menino que caçou muitas borboletas e foi punido pelo Saci, quando este lhe deu um grande susto, deixando cair a sacola cheia de borboletas, as quais foram libertas pelo Saci;
- c) Ainda outras, viram que o susto foi tão grande que “o menino saiu correndo, *tropeçou*em uma pedra, machucou a perna e chegando em casa relatou tudo para a mãe, que como sempre, aconselhou o filho a não andar sozinho em lugares desconhecidos e tratou sua ferida”.

A forma como cada aluno consegue ver e interpretar os quadrinhos pode estar relacionado ou não, com a forma de transcrever os textos, é possível que a influência desta transcrição esteja ligada à oralidade, mas também a forma de compreensão de mundo de cada indivíduo, mas isto seria razão para outro estudo, não podendo, portanto, ser respondido por esta investigação.

Outro ponto importante é a troca constante de vogal por consoante como em: *correu/ correl; ficou/ficol; conseguiu/comsequil*. É verdade que em todos os casos a troca ocorre com a letra *U* pelo *L*, se bem que o contrário é que deveria ser comum, uma vez que os alunos aprendem primeiramente as vogais e só depois as consoantes e como a letra *L* além de seu som próprio, também pode ter som de *U* no final de palavras, então eles deveriam lembrar-se daquela que aprenderam primeiro, o que não foi o caso.

A supressão da letra *N* também é outro fator que chama a atenção, com em: *a gente/ajeti; tinha/tia; tenho/temo; sorrindo/surido; consegue/cosegí*. Durante a pesquisa realizada, foi perceptível a ausência da letra *N* na fala, seja ao ser pronunciado como consoante, seja como semivogal, em ambos os casos a

supressão era bastante audível, prova disto são os textos escritos, onde a letra *N* praticamente desaparece dos verbetes.

A compactação das palavras é outro ponto interessante: *de repente/derrepente; a gente/ajeti; a gritar/agritar; na carreira/nacarrera*. Em alguns casos como em *nacarrera*, não houve apenas a compactação da palavra, mas também a supressão da letra *l* e por fim, a substituição da palavra *correndo* por *nacarrera*, evidenciando a marca da variação linguística na oralidade e também na escrita.

Outro fato marcante é que os parágrafos escritos pelos alunos são extensos, geralmente o texto possui apenas um e sem recuo, apenas um dos textos estava dividido em mais de um parágrafo, o que pode sim, ser considerada uma exceção. A troca do *E* pelo *É* (verbo ser), também é algo comum, os alunos não conseguem diferenciar o uso destes elementos, não percebem a diferença de sonoridade, tampouco a alteração gramatical entre elas.

Considerações finais

Ao findar este trabalho chegamos à conclusão de que a influência da oralidade sobre a escrita é de fato muito grande entre os alunos participantes deste estudo, não somente por se tratar de uma escola de assentamento, embora as marcas dos *falares rural* nem tenham ficado tão evidente assim nos textos produzidos, o que pra nós foi uma surpresa. Esperávamos que a variação linguística local fosse predominar nos escritos, mas não foi o que aconteceu.

Os alunos apenas trocaram as letras que comumente as crianças próprias desta idade trocam, como já citado na análise: U pelo L; supressão do N; compactação de palavras; abrangência de outras.

Os textos não trouxeram nenhuma marca em particular do lugar onde estas crianças estão inseridas. Seriam influências das mídias como internet e televisão? Esta pesquisa não foi capaz de identificar as razões, contudo, é algo que precisará de uma investigação mais profunda, afinal, como pode uma criança inserida no meio rural sem maiores contatos com outros pares da cidade, podem apresentar apenas as dificuldades de crianças inseridas em escolas urbanas e não apresentar variações linguísticas próprias das pessoas que moram no lugar onde elas estão inseridas? Isto é assunto para a continuidade, para outra investigação.

Referências

BRASIL. Portal Sua Pesquisa. **Pré-História - As fases da Pré-História, cultura e arte pré-histórica, Paleolítico (Idade da Pedra Lascada), Mesolítico, Neolítico(Idade da Pedra Polida), a vida dos homens das cavernas, nômades esedentários, origem da agricultura, arte rupestre.** Disponível em: www.suapesquisa.com/prehistoria/

FÁVERO, L.L; ANDRADE Maria Lúcia, C.V.O; AQUINO, Zilda, G.O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** São Paulo: Cortez, 2009.

GOMES, Eduardo de Castro. **A escrita na História da Humanidade. Artigo apresentado pela UFAM.** Uninorte: Manaus, 2007.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS. Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luis Antonio. **Da fala à escrita – Atividades de retextualização.** São Paulo: Contexto, 2010.

MEDEIROS, Adelardo. **A língua portuguesa.** Natal: UFRN, 2006.

PERFEITO, Alba Maria. **Concepções de linguagem, análise linguística e proposta de intervenção. CLAPFL – I Congresso Latino-Americano de Professores de Línguas, 2007, Florianópolis. Anais do I CLAPFL. Florianópolis: EDUSC, 2007, p. 824-836.**

PIRES, Cláudia. **Antecedentes Históricos da Escrita.** São Paulo: Contexto, 2007.

SCLIAR, Moacyr. **Um olhar sobre a cultura brasileira - A língua portuguesa.** Disponível em: <http://falar-portugues.http://www.minc.gov.br/textos/olhar/linguaportuguesa.htm>.